



Três atos

Calango

I. Sul, algo entre agosto e setembro de 2018

Hoje eu finalmente me olhei no espelho. Chegara do pedal, o corpo ainda quente, mas não tanto para abusar da nudez. Não me importei, precisava ver meu reflexo, encarar os seios, as curvas, o tufo triangular de pelos. Olhei-me com honestidade, e não me desagradei. Era um rosto mais confiante, mais bonito, quase feliz, que se encaixava levemente desajeitado em um pescoço fino. E o pescoço ligava aquele rosto andrógino ao corpo curvilíneo, magro de cuscuz e bicicleta.

Tentei enxergar minhas costas, essa superfície espriada com uma marca de nascença que tanto agrada ao meu amor. E assim me torcendo, a mão pousada logo abaixo do ombro e o rosto perfilado, me lembrei das poses sensuais de modelos para revistas de fofocas. Daquele ângulo eu parecia “feminino”.

Voltei à pose inicial de frente para o espelho. Agora o vidro polido emoldurava meu rosto como em uma foto 3x4, valorizando a bagunça dos meus cachos e meus olhinhos apertados. “¿Por que me miras, se no me sacas a bailar?”, me pergunto, e sorrio para mim mesmo. Que sorriso bonito, criatura. Sim, é um belo sorriso, a despeito do amarelado e da tortuosidade dos dentes. Ou melhor, é um belo sorriso, também por causa das curvinhas desenhadas no final dos incisivos centrais superiores, como Leli me alertou.

Aliás, tem tanto dela em mim. Os cachinhos têm a marca dos seus dedos habilidosos com a tesoura; em volta dos meus olhos tem marcas de expressão intensificadas pelos sorrisos que ela pincela em meu rosto, me inundando de amor. Os pelos do pescoço volta e meia se eriçam, lembrando dos seus beijos e mordidas; e a pele, ah, a pele... O maior órgão do meu corpo vira mar quando ela mergulha nele.

O sol em leão logo recoloca meu reflexo na berlinda. Retomo a autoanálise e acho tudo bom, muito bom. Não tenho vontade de mudar algo em mim. Tenho ânsias de eternizar esse momento, esse fugidio momento em que, ali no outrora assustador espelho, me sinto coerente. E num esboço de sorriso, penso: “estou me tornando o que eu sou”.

II. Nordeste, 24 de fevereiro de 2019



Tive o que classifico como meu segundo ataque de pânico. Foi no ônibus, durante o caminho da minha casa até o Benfica. Leli e eu íamos encontrar Niara em um bar e, de lá, seguir até o aeroporto. Na volta eu teria que pegar um uber, mais de meia-noite. Seria somente até a casa da minha amiga, para economizar dinheiro e por questões de segurança. Mas dei uma breve pirada. Por um momento achei que poderia ser justamente o contrário da segurança. Com minha aparência andrógina, tentava performar o conceito social de masculinidade. Contudo, minha voz ou qualquer outra delicadeza poderia me denunciar a um motorista que não hesitaria em me desumanizar ao primeiro sinal de não binariedade.

Era o medo, em uma modalidade nova (mas nem tanto) para mim. Pânico. Dificuldade de respirar, imagem de morte violenta. Leli ao meu lado não demorou a perceber: embora eu tentasse disfarçar, as lágrimas lhe comunicaram que eu não estava bem. Lembrei-me de controlar a respiração: “cheira a flor, assopra a vela”. Consegui me acalmar.

No aeroporto, chegamos com relativa antecedência, e sobrou tempo para abraços intermináveis, beijos manhosos, recomendações de Leli para mim, tentativas silenciosas de consolo minhas para ela. Uma cena. No fundo, eu quase queria que ela fosse logo para a sala de embarque, pois meu estômago já estava completamente revirado pelo avesso e eu sentia que em breve iria vomitar. Uma dor de cabeça leve, mas persistente também me embaralhava o juízo. “Psicossomática”, Niara me diria depois.

Já em casa, após a noite de conversa com Niara, tive que me confrontar com o quarto vazio, sem a bagunça de Leli. Uma coisa era viver naquele quarto com meus livros e vácuo individual. Outra era ter sido testemunha privilegiada de sua presença física inundando as quatro paredes, ter ouvido sua voz, seu riso e choro, seu perfume, seus vapores, sua “leliscência”. E agora tudo tinha decolado naquele avião com destino a Porto Alegre.

Olhei para o livro emprestado. “Espelhos e miragens”. Já tinha lido algumas páginas ano passado, quando visitei minha amiga, na época aspirante a psicóloga. E lembro de ter querido saber o restante. Assim, me agarrei ao livro para tentar me desligar daquele momento de vazio nauseabundo.

Era a história de uma moça branca, de classe alta, caloura do curso de Direito, descobrindo sua atração e amor por outra mulher. Na verdade, eu poderia chamar de *obsessão* por outra mulher. Uma história bobinha, romântica, do tipo que Gi gosta de ler para se distrair dos estudos. E, apesar de sua bobice, ou talvez por isso mesmo,



considere um livro importante dentro de um contexto em que a literatura insiste em tecer enredos melodramáticos com finais cruéis para personagens LGBT.

Gostei do fato de a história talvez ser menos sobre a “descoberta” da lesbianidade – branca, burguesa e cisnormativa – da protagonista do que sobre sua forma de se relacionar, desejar e amar uma pessoa – ocasionalmente, mas com todas as consequências dessa especificidade, essa pessoa era uma mulher (também branca). Era sobre amadurecimento afetivo, acho. A lesbianidade parecia mais um pano de fundo, uma característica, um aspecto da história, do que centro de sensacionalismo.

Ao longo da narrativa, porém, a autora escorrega em várias problemáticas de tipificação da experiência lésbica - termo por si só demandante de cautela em seu uso e generalização apressada.

Fiquei de nove da noite às duas da madrugada devorando as páginas. Quase todas as personagens me irritavam. Quase conseguia tocar suas superficialidades. Mas queria saber o final da história, da obsessão de Ana por Manu. E, ao menos, aquilo era eficaz em me distrair. Nas últimas páginas, a descrição da cena de amor entre as protagonistas imediatamente me remeteu às simplicidades amorosas entre Leli e eu. Chorei um pouco do muito que guardei e guardo sobre nós.

Mas foi realmente um pouco. Logo voltei ao estado de torpor que me assola toda vez que termino de ler, de uma sentada só, um livro de ficção. É o mesmo ritual, ficar encarando a capa do livro, ler a orelha, a primeira página, comparar com o final. Pensar na história, tentar resenhá-la na minha cabeça.

Depois de algum tempo assim, hesitei entre dormir ou esperar amanhecer. Tinha comprado um *totolec* e queria acompanhar o sorteio, que aconteceria às nove da manhã. Senti saudade dela. Teimosa, deitei no lado esquerdo da cama, o lado que, segundo ela, tinha alguma presença estranha que tentava fazê-la levantar no meio da noite. Fiquei olhando nossas fotos no *Instagram*, a vista ardendo por causa do clarão do celular dentre a escuridão do quarto. Mas não conseguia deixar de olhar nossos registros imagéticos daqueles dias em que ela veio até mim, até o meu mundo cearense, participar do meu almoço à la Belchior: “no centro da sala, diante da mesa, no fundo do prato, comida e tristeza, a gente se olha, se toca e se cala, e se desentende no instante em que fala”.

“Se você tivesse que definir o amor, o que diria?”, Niara me surpreendeu no meio de uma das várias e intensas conversas que sempre se estabelecia entre nós quando a sós. Gaguejei. Sou péssima com definições e com o próprio ato de emitir com a boca



sons articulados que façam sentido dentro de um idioma verbal. Tenho inclinação a paráfrases, e cooptei um trecho que ela mesma me dissera há poucos minutos quando lhe contei sobre minha náusea durante a despedida no aeroporto: amor é química, um rebuliço no estômago (hoje eu acrescentaria: e um revestrés no juízo).

Lembrei-me também do que eu dissera à Leli a respeito da sobreposição experiencial sinestésica frente às minhas (in)capacidades de verbalização. Eu sinto muito. Eu *sinto* muito. E peço desculpas não pelos sentires, mas pelos calares [“é medo ou preguiça?”].

Eu amo a Niara e seus papos cabeça, bem fundamentados e referenciados na literatura científica em Psicologia, refinados pelas citações nunca pedantes de Clarice Lispector. Mas naquela noite o encanto meio que quebrou. Continuava reagindo um pouco aérea, ingênua talvez, lenta como sempre. E seguia respeitando-a imensamente e admirando seu poder de autoanálise. Mas não me afetei do mesmo jeito que antes. O som de algo se partindo parecia com o que senti quando tirei do pedestal minha mãe, assim como alguns professores e colegas meus de Sociologia. O que eu tinha escrito no caderno aquela vez? Algo sobre deixar de enxergar ídolos perfeitos para enfim apreciar a humanidade deles, a humanidade presente em tentar compreender o ser humano, com curiosidade sincera e esforço – às vezes falho – de fazer isso com responsabilidade.

“Te alui, amiga!” – naquela época eu ainda não conversara com ela sobre meu gênero. Suas palavras ficaram ecoando em minha cabeça. O desencanto era como quando você repete uma palavra tantas vezes que ela se dissolve em fonemas até virar um punhado de sinais gráficos e sons desarticulados, sem sentido. Você despe a palavra - retira-lhe o encanto que a investe de significado.

Assim foi aquela noite e começo de dia com minha amiga Niara: um processo de decomposição linguístico. Não sei por que me irritei com isso, talvez por estar dolorido do adeus, da saudade procrastinada, do pânico recente. Não deixei transparecer nada; carregava, a tiracolo, meu sorriso apaziguador. E nem era por querer. De fato, acontecia o contrário, às vezes eu ensaiava, para encontros com meus amigos, um ar de seriedade lúcida (hoje vejo como uma tentativa de me sentir superior. Sim, muitos encontros com meus amigos senti como uma disputa de superioridade intelectual e emocional). E muitas vezes, a seriedade se desmanchava em sorrisos e concordâncias com acenos de cabeça.

Eu criei um monte de ardeios mentirosos para não me encontrar comigo mesmo.



III. Dentro, janeiro de 2020

Estava tudo aparentemente bem, talvez como naquele trecho inicial de *Quase sem querer*, do Legião Urbana. Até que senti o punho fechado dentro de mim se manifestar. Eu não me lembrava que ele existia, e que usavam daquela existência para controlar meu corpo e minha subjetividade. O punho fechado, amarelo-queimado (era como eu o vislumbrava mentalmente), me deu uns socos de leve. Estava um pouco inchado, e emergia tímido, porém ainda saliente, como que querendo sair da minha barriga.

Útero. Palavra proparoxítona.

Acho que as palavras proparoxítonas têm um certo charme. Todas são acentuadas e, diante delas, não há leveza: as pronunciamos quase num soluço.

Pois bem, o punho fechado dentro de mim se apertou, cravou as unhas em si mesmo e me sangrou. Paralisei-me. Por um breve instante de algumas semanas eu esquecera do sangramento mensal, desse rito estranho do corpo humano de alguns indivíduos. Ele veio quente, como sempre, fazendo-me também entrar em ebulição. Logo subiu o cheiro forte de ferro. Tenho a sensação de que sou ferro derretendo, e posso me moldar a partir do amontoado pastoso rubro-negro.

Mas é estranho o que vem em seguida: as emoções. Tristeza-melancolia, profunda como o medo que carrega do profundo oceano. Dor, daquelas que te enrugam o rosto e vincam os arredores da boca. Raiva-ódio, palpável no forjar daquele ferro não itabirano, mas fortalezense, a Fortaleza da atopia.

O ódio “des-ORI-entado”. Sem ori. Espraia-se pelo meu corpo, que “não é meu corpo, é ilusão de outro ser” e, no entanto, “me sabe mais que me sei”.

Houve uma época em que eu brincava. Soprava vida em bonecos e tecia seus destinos com a imaginação. Gostei particularmente de brincar com as palavras. Elas pareciam formidáveis peças de lego com as quais eu construía mundos e acessava as minhas próprias cosmo-agonias. Hoje, me permito poucas brincadeiras.

Descrever-me em des-ori-entação foi quase uma necessidade física. Então, des-ori-entei-me. Como? Enquanto as partes pudendas – as emocionais caóticas, digo – enquanto as partes pudendas se atiravam umas sobre as outras como as ondas e suas espumas, um ente à deriva contemplava confuso o caldo primevo, a sopa nutritiva da hipótese de Oparin. Os coacervados (gosto da textura de determinadas palavras em minha boca, “coacervados” é uma delas), os coacervados emocionais, diante daquele



ente suspenso, confuso, introspectivo, fragmentado. Um pedaço, uma sobra, um remanescente? Ale.

Ale ficou chocado com o sangue que escorreu do punho fechado. Não especificamente aquela mancha rosa desenhada no papel higiênico que acabara de tirar dos lábios de baixo – uma indecente marca de batom, talvez? Não, o susto, o *insight*, a epifania lispectoriana não provinha daquelas poucas horas de sangue em bolotas viscosas, mas sim de todo o histórico, a década de ciclos menstruais e tudo o que aquele organismo – primeiro incompreendido, depois tolerado com resignação, em seguida quase amado e, agora, momentaneamente odiado – representava.

Houve uma distensão.

O ente pairou sobre os coacervados emocionais e, vendo-se nu, sentiu vergonha. Não existiam departamentos: o sangue, o ferro, os lábios, as rugas e as tristezasraivasmelancolias eram todo o corpo e as presenças latentes que ele só sentia pelo eriçar dos pelos do antebraço. Ainda assim, havia aqueles rótulos, o peso de todos os séculos de classificação obsessiva.

A classificação: aquela que separa os humanos dos não humanos, hierarquiza e assassina, estrangula, violenta, pelos mais variados instrumentos de suplício.

Era tão irônico. Aquele nome no papel, supostamente do grego, “defensor da humanidade”, eu gostara de carregar durante um longo tempo. Ou achava que gostava. Alessandra. Andros. Homem. Másculo? Arrogância de tomar-se como o universal, arvorar-se a designação de humano, greco-usurpador.

Ri de desprezo e dor: agora que o sangue se esvaía do corpotexto cujos leitores poderiam ser cruéis e condenar-me a ser e não-ser, eu mesmo me negara a defender minha própria humanidade – ou, ao menos, essa humanidade rolo compressor. Eu, outrora Alessandra, fui Pedro naquele momento. Neguei o Andro e encontrei a redenção na trindade das letras que sobreviveram. Ale.

“Quantas chances desperdicei, quando o que eu mais queria era provar pra todo mundo que eu não precisava provar nada pra ninguém”. Estava tentando aprender a tocar essa música no violão, e até conseguira executar alguns acordes da versão simplificada. Mas no refrão surgia um fã maior que os dedos ainda não superavam.

Os dedos. Quase sem querer, limpei-me, vesti aquele plástico que envolve o algodão receptor de sangue e abri a porta do banheiro.